

"CLITORIDECTOMIA E A NEGAÇÃO DO PRAZER FEMININO NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NATURAIS: REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS)"

"CLITORIDECTOMÍA Y LA NEGACIÓN DEL PLACER FEMENINO EN LA EDUCACIÓN EN CIENCIAS NATURALES: REFLEXIONES SOBRE LA FORMACIÓN DE PROFESORES"

Claudete Morais Barbosa

Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT
claudete.morais@mail.uft.edu.br

Yonier Alexander Orozco Marin

Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT
yonier.marin@mail.uft.edu.br

RESUMO

A pesquisa analisou a percepção de futuros professores de ciências sobre abordar o prazer feminino e a clitoridectomia em sala de aula. Revelou-se falta de preparo e desconhecimento para tratar do tema, refletindo normas sociais e religiosas. A ausência de representação adequada do clitóris contribui para perpetuar o tabu em torno da sexualidade feminina. Conclui-se que é crucial incluir estudos de gênero e sexualidade na formação docente, promovendo uma educação inclusiva e precisa. Recomenda-se uma abordagem mais abrangente, considerando a diversidade corporal e de experiências, para combater estereótipos e promover a mudança sociocultural.

Palavras-chave: Percepção; Futuros professores; Educação sexual; Tabu ; Diversidade corporal.

Eixo temático: 7 - Inclusão e interseccionalidades no ensino de Ciências e Biologia

Modalidade: Relato de experiência pedagógica.

RESUMEN

La investigación analizó la percepción de futuros profesores de ciencias sobre abordar el placer femenino y la clitoridectomía en el aula. Se reveló falta de preparación y desconocimiento para tratar el tema, reflejando normas sociales y religiosas. La ausencia de representación adecuada del clítoris contribuye a perpetuar el tabú en torno a la sexualidad femenina. Se concluye que es crucial incluir estudios de género y sexualidad en la formación docente, promoviendo una educación inclusiva y precisa. Se recomienda una aproximación más amplia, considerando la diversidad corporal y de experiencias, para combatir estereotipos y promover el cambio sociocultural.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Universidade do Estado de Minas Gerais

Belo Horizonte – Minas Gerais, Brasil – 22 a 25 de outubro de 2024

Palabras clave: Percepção; Futuros professores; Educação sexual; Tabú; Diversidade corporal.

Eje temático: 7 - Inclusão e interseccionalidades na aprendizagem das Ciências e a Biologia

Modalidad: "Relato de experiência pedagógica".

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

A formação humana abrange diversas etapas, incluindo o desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial (Papalia, 2013), sendo o desenvolvimento sexual um aspecto crucial desse processo. No entanto, ao analisar o desenvolvimento sexual feminino, é evidente que ele é influenciado por diversos fatores, principalmente o machismo, conforme teorizado por Pierre Bourdieu (1999), que descreve a "dominação masculina" como historicamente legitimada, resultando na submissão das mulheres em relação aos homens. Além disso, os trabalhos de Freud também contribuem para essas narrativas, destacando o falo como símbolo de poder e a castração como fonte de neuroses femininas (Freud, 1925). Esse entendimento alimenta construções machistas que permeiam a sociedade.

Questões religiosas, especialmente na moral cristã, também desempenham um papel significativo na negação do prazer sexual feminino (Snoek, 1981). Isso gera um sentimento de culpa, como observado por Nelson Vitiello, que destaca a historicidade da exclusividade do prazer sexual masculino (Vitiello, 1998). A prática da Clitoridectomia, ou Mutilação Genital Feminina (MGF), é um exemplo extremo dessa negação do prazer feminino, enraizada em questões de controle e dominação masculina (Oberreiter, 2008). A justificativa religiosa muitas vezes é utilizada para perpetuar essa prática, como discutido por Badran (2013).

No Brasil, embora exista legislação contra a MGF, ainda há desafios significativos, incluindo a mutilação simbólica do clitóris e a falta de representatividade do prazer feminino na sociedade e na educação (Ramos, 2018). É fundamental que os professores de ciências abordem essas questões de forma adequada em sala de aula, promovendo uma educação sexual integral e multidisciplinar (Rufino, 2013).

Portanto, o objetivo deste trabalho foi caracterizar as percepções de professoras(es) de

ciências naturais em formação, de uma universidade da região norte do Brasil, sobre as possibilidades de abordar as questões associadas à clitoridectomia, o prazer feminino e o conhecimento do corpo das mulheres cisgênero em aulas de ciências.

MATERIAIS E MÉTODOS

a. Contexto

Araguaína, cidade localizada no Norte do Tocantins, desempenha um papel econômico importante na região, impulsionado principalmente pela agropecuária e agricultura familiar. Com uma população de 171.301 habitantes, segundo o IBGE, a cidade foi fundada em 1958 e é considerada uma das mais relevantes do estado.

Num outro contexto, destaca-se a necessidade de um ensino em biologia que seja decolonial e feminista, permitindo o desenvolvimento do senso crítico em relação a temas como cisgenêridade, heteronormatividade e relações de poder. Essa abordagem possibilita a reflexão sobre as estruturas de opressão e desigualdade historicamente construídas, contribuindo para o combate às discriminações sociais.

A pesquisa, realizada com alunos do ensino superior em Química, evidenciou a escassez de discussões sobre gênero e sexualidade na formação desses professores. A interdisciplinaridade na educação em Ciências se mostra essencial para abordar esses temas de forma ampla e eficaz. Ensinar sobre sexualidade na escola vai além de estratégias de ensino, envolvendo também a atitude do educador, que proporciona aos alunos uma vivência emancipatória e prazerosa de sua sexualidade.

Durante a pesquisa, foram aplicadas duas atividades: uma no início e outra ao final da oficina. Nem todos os participantes se sentiram confortáveis em responder às questões, resultando em respostas variadas, com uma turma composta por doze pessoas, incluindo homens e mulheres, com idades entre 18 e 47 anos.

b. Desenvolvimento da oficina

Marin e Cassiani (2020) abordam três sentidos do ensino de biologia: o conhecimento científico como eixo estruturador, a formação para a cidadania e a desconstrução de biologias e desnaturalização das necropolíticas. Para adotar uma metodologia adequada, é fundamental considerar o contexto dos alunos e os objetivos do professor como mediador do conhecimento. Moreno e Ussa (2007) destacam a importância de formar estudantes que saibam pensar, relacionar e sistematizar, não apenas memorizar.

A metodologia adotada utiliza o conflito cognitivo como ferramenta para envolver os alunos de forma significativa, seguindo a premissa de Piaget (1987) de que o desequilíbrio cognitivo gerado pelo conflito mobiliza os alunos na busca por novas respostas. Uma oficina é desenvolvida com base nas diretrizes curriculares nacionais, que destacam a necessidade de reconhecer os contextos de vida dos estudantes e integrar o ensino à sua realidade.

Entende-se que a educação sexual é uma questão transversal que deve ser abordada de forma interligada às questões cotidianas, tendo como base o conhecimento científico. No entanto, há uma lacuna na BNCC em relação à abordagem das questões de gênero, o que fortalece a estrutura patriarcal. Ramalho (2020) aponta a ausência de temas sobre estrutura de gênero na BNCC como uma confirmação e apoio à naturalização das desigualdades de gênero.

A oficina proposta se dividiu em alguns momentos bem como ilustra QUADRO 1;

QUADRO 1 - divisão dos momentos da oficina de acordo com atividades realizadas.

Momento 1	Momento 2	Momento 3
1- Assinatura do TCLE. 2- Apresentação da temática. 3 - Atividade Norteadora que consiste no desenho da vulva e localização do clitóris a partir de conhecimentos prévios.	1 - Apresentação da temática através do uso de ferramentas áudio-visuais. 2- Apresentação da Vulva através de moldes ilustrativos. 3- Debates livres e perguntas dos estudantes.	1- Atividade de finalização a partir de situação - problema. 2- Feedback dos participantes da oficina.

Figura 1: Imagens representativas dos momentos da oficina



Fonte: Autores

c. Construção e análise dos dados

Para realização do presente estudo, foi aplicado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, em que os estudantes ficaram cientes do uso das informações prestadas para o presente trabalho. A partir da atividade norteadora, foi possível obter previamente o desenho da vulva e identificação do clitoris a fim de entender seus conhecimentos prévios, com isso obtivemos as seguintes ilustrações como objeto inicial de nossa análise.

Após os momentos 1 e 2, foi proposto um caso em que os pesquisados necessitam de se posicionar mediante uma situação hipotética. Situação apresentada : "Uma criança/adolescente descobre de maneira involuntária (durante o banho) que mexer no “clitórís” causa uma sensação “estranha” (boa), procurou no livro didático e não encontrou nada sobre o assunto. Então ela leva para a sala/professor(a) e pergunta se é

normal ou se ela está doente e se pode continuar fazendo. Você como professor(a) de Química agiria de que forma nessa situação?”. Partindo disso, pode-se observar a relação a partir dos dados obtidos com os desenhos desenvolvidos no primeiro momento da oficina, evidenciou-se que 75% dos pesquisados conseguiram apontar a região do clitoris, porém, em sua grande parte os desenhos não conseguiram mostrar com clareza a anatomia da vulva bem como mostra a figura 1. Sendo assim, 25% não conseguiram apontar a região solicitada na pergunta inicial. Com isso, evidencia-se a fragmentação do conhecimento acerca da anatomia sexual feminina, o que nos mostra clara ausência de educação sexual na formação de professores, bem como a negação estrutural do prazer feminino sendo repercutido culturalmente.

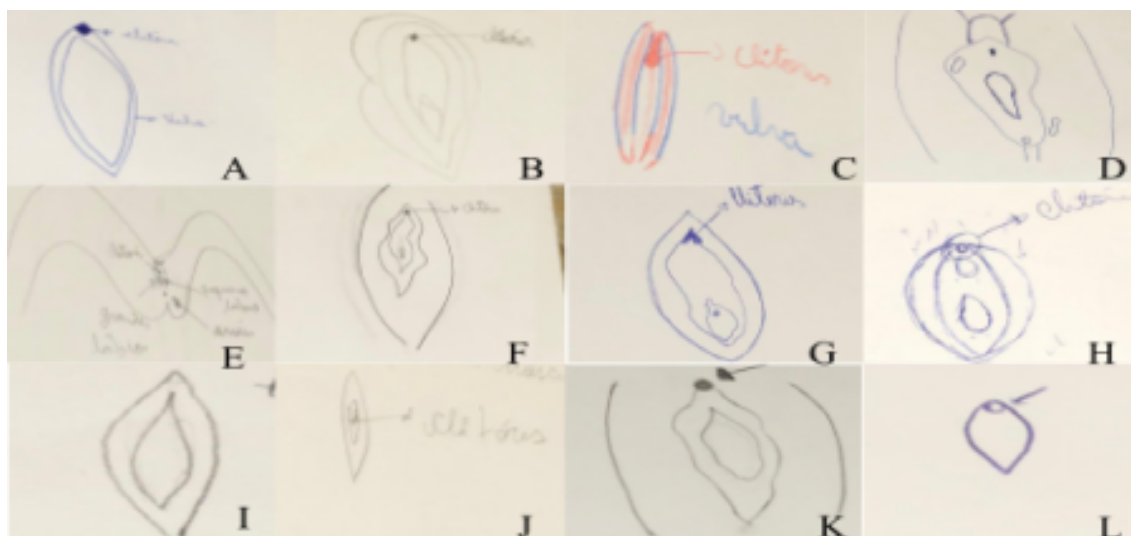
Partindo disso, pode-se observar a relação dos futuros professores com a temática educação sexual na sala de aula, observando como os mesmos se portaria diante da situação, usamos para tal alguns tópicos de questionamentos para análise: Os estudantes esclarecem a informação? Se envolvem ou se abstém da situação? Mobilizam conhecimentos científicos? Respondem a partir de paradigmas estruturais da sociedade?

Após toda a coleta de dados, fez-se uma análise qualitativa das respostas. De acordo com Sousa et al. (2021), a pesquisa bibliográfica é essencial na elaboração da pesquisa científica, pois fornece uma compreensão mais aprofundada das características do estudo. Este tipo de pesquisa utiliza diversos instrumentos, tais como livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outras formas de fontes escritas que foram publicadas anteriormente. Conforme Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica tem como objetivo realizar um levantamento e uma análise crítica dos documentos disponíveis sobre o tema de interesse, atualizar e desenvolver o conhecimento, além de contribuir significativamente para a condução da pesquisa. Sendo assim, selecionou-se fragmentos ou trechos que trate especificamente sobre as (im)possibilidades de abordar as questões associadas à clitoridectomia, o prazer feminino e o conhecimento do corpo das mulheres cisgênero em aulas de ciências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

a. O desconhecimento do clitoris

Figura 2 - Desenhos feitos a partir do Momento 1 da oficina na concepção dos estudantes como é a vulva e onde se localiza o clitoris.



Fonte: Autoria

Bem como afirma, (Ramos, 2018. p. 37) o principal órgão relacionado à sexualidade e ao prazer dos corpos femininos, o clitóris, é pouco representado ou discutido nos meios de comunicação, não sendo explorada sua completa anatomia nos livros didáticos, normalmente estudada sem aprofundamento nas Escolas e Universidades, e dessa forma o desconhecimento e estranhamento sobre clitoris tornou-se normal na sociedade patriarcal, em que os corpos femininos são historicamente objetificados.

O clitóris, conforme descrito por Ramos (2018), compreende tanto uma porção externa quanto interna, embora, por muito tempo, tenha sido sub-representado como uma estrutura pequena, predominantemente evidenciada por sua glândula. Esta última, junto com o prepúcio, constitui as porções externas do órgão, enquanto a maior parte de sua estrutura está situada no interior do corpo. O que nos mostra um dos porquês desconhecimento de muitos sobre essa estrutura. Para Além, fazemos outra reflexão uma vez que essa ilustração comumente utilizada como padrão feita ilustrada em livros didáticos e sites informativos não condiz com a realidade uma vez que padroniza corpos e não se atenta à pluralidade.

É imperativo reconsiderar a representação convencional dessa área específica do corpo nos livros didáticos e examinar os estereótipos e discursos deterministas que podem ser implicitamente transmitidos pela visibilidade atribuída (ou negligenciada) a esse órgão, assim como pelos aspectos selecionados para representação. A representação atual do clitóris, muitas vezes limitada a uma seta indicativa em sua porção externa, levanta questões sobre a adequação e inclusividade dessas representações.

Uma análise crítica bem como a de (Ramos 2018) há a necessidade de uma abordagem mais abrangente e inclusiva, questionando a ausência ou escassez dos pelos pubianos e a tendência de representar predominantemente corpos de pessoas brancas. Para uma compreensão mais completa da anatomia e diversidade corporal, seria benéfico que tanto a vulva quanto a vagina e o clitóris fossem representadas de maneira mais detalhada em materiais educativos, incluindo uma exploração da estrutura interna do clitóris. Essa abordagem contribuiria para uma educação mais precisa, inclusiva e reflexiva sobre a anatomia humana.

b. (Im)possibilidades de atuação docente em relação ao prazer de mulheres cisgênero

No momento 3 de nossa pesquisa, ao propor uma situação problema na escola, os futuros professores se depararam com um conflito acerca da temática educação sexual nas escolas básicas, ao serem questionados de que forma lidariam com a situação obtivemos alguns posicionamentos: A- “Talvez não falaria, pois isso ainda é um assunto bastante complicado. Falaria que é normal, mas não entraria a fundo no assunto.” indo de encontro com o participante F: “Responderia que isso é normal, porém não tenho qualificação para dar orientação a essa criança.”, observamos a partir dessa resposta que o pesquisado, apesar de responder à pergunta, se abstém de esclarecimentos refletindo a falta de preparo para lidar com a temática e/ou até falta de conhecimento suficiente para embasar uma resposta plausível a situação proposta, pois bem como afirma Santos et al (2022) é evidente que a formação de professores de Química ficam limitados somente às questões de ensino, sem ter aprofundamento, deixando assuntos transversais que podem ser discutidos em qualquer área de ciências.

Em concordância o indivíduo C- respondeu : “Não sei o que faria”, reforçando a teoria de que as universidades não abordam a temática de forma satisfatória, e nem preparam os futuros professores para lidar com contextos socioculturais, mas apenas saberes científicos sistematizados, respostas que coincidem com outros discursos elaborados pelos outros participantes da pesquisa.

Em segundo plano, o indivíduo B se posicionou da seguinte forma: “Tendo uma maturidade e trazendo o fato de que não seria a hora certa para falar sobre esse assunto, iria falar para que ela não tenha pressa para saber sobre esse assunto ainda, pois ainda era

muito cedo.” Bem como na resposta número um, o silenciamento sobre a temática é um ambiente mais confortável para o pesquisado, uma vez que ele se isenta de se posicionar diante situação proposta, associando principalmente educação sexual e etarismo, pois pressupõe de forma empírica o estabelecimento de idade adequada para falar sobre a temática “educação sexual”. Afirmativa que vai de encontro com outras respostas, como o indivíduo D: “ Não é uma doença. É algo normal, mas ainda não está na idade de dar continuidade.”

Sob um outro panorama há as respostas que trazem a dificuldade de lidar com essa temática dentro de sala de aula, seja por causa do currículo, pelo embate com a direção da escola ou até mesmo por medo de como os pais dos alunos se portariam em decorrência das influências religiosas, sociais e culturais, como podemos perceber no participante E : “É normal, não é uma doença, porém, nesse caso de responder a mesma sobre a ação, eu chamaria em particular para uma conversa e explicar sobre, relatando alguns pontos, é entretanto sob orientação da direção, uma vez que esse assunto é bastante complexo, mas é de suma importância. Contudo o próprio currículo tem deixado de lado (proibido que a escola trate sobre questões de educação sexual). Acredito que esse assunto deve ser tratado com mais relevância, criando formas para combater todos os males que esse assunto vem causando. Deve ser uma parceria dos que estão no poder, com a escola, pais e comunidade.”, bem como também apresenta o pesquisado G: “[...] teríamos que questionar o fato de os livros didáticos não abordarem educação sexual, pensando nas influências ideológicas que o currículo sofre, houve um silenciamento nos últimos anos a respeito da educação sexual, devido à influência religiosa no currículo.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, podemos perceber durante toda a pesquisa como o apagamento do prazer feminino se apresenta de modo pragmático na sociedade na forma da MGF e de modo ideológico estando presente no silenciamento da temática tanto dentro das salas de aula no nível básico, médio e superior. Analisando os dados torna-se evidente a falta de preparo dos futuros professores da área de Ciências e o como isso contribui para que o próprio ensino em Ciências Naturais faça com que o clitóris, muitas vezes, seja negligenciado ou ignorado em discussões sobre prazer sexual, contribuindo para uma visão distorcida da sexualidade feminina. Entendendo que essa narrativa perpassa

também as sociedades que no geral possuem bases patriarcais sendo questões que transcendem o âmbito puramente físico e se estende ao domínio simbólico e cultural.

Portanto, pode-se concluir que, é de suma importância a inserção do estudos e debates de gênero e sexualidade dentro das salas de aula, não vendo essas questões como um problema, mas entendendo como uma oportunidade de reconhecer e desafiar esses estereótipos que são um dos principais fatores para manter a sexualidade feminina como um tabu dentro da nossa sociedade, com o intuito de desenvolver e fortalecer o pensamento crítico dos indivíduos e fomentar espaços de construção decolonial, que vão em contraposição com a heteronormatividade, cisgeneridade e binarismo estrutural, usando da educação inclusiva e dos saberes das Ciências como forma de uma mudança sociocultural.

Em pesquisas futuras acerca dessa temática, recomendada-se que seja abordado não somente a MGF e apagamento simbólico do clitóris em mulheres cisgenero, mas nas pessoas com clitóris no geral, que seja trabalhado também homens trans e o entendimento do clitóris em pessoas que não passaram pela chamada cirurgia de redesignação sexual. Outro ponto também, é que seja levado para oficinas que sejam semelhantes a aplicada na pesquisa, imagens que apresentem o clítoris internamente, não se limitando apenas a representações externas do órgão.

REFERÊNCIAS

- BADRAN, M. *Feminism in Islam: secular and religious convergences*. London: Oxford Press, 2009.
- BOCCATO, Vera Regina Casari. "Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação". 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- FIGUEIRÓ, M.N.D. Educação sexual: Problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira. *Semina: Ci. Sociais/Humanas*, v. 17, n. 3, p. 286-293, set. 1996.
- FOUCAULT, M. O combate da castidade. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.). *Sexualidades Ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 25-38.
- FURLANI, . Educação sexual: quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular. *Perspectiva*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 283–317, 2009. DOI: 10.5007/2175-795x.2008v26n1p283. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2008v26n1p283>.
- MARÍN, Yonier Alexander Orozco, e Suzani Cassiani. “Como seria o mundo se os homens cisgêneros também menstruassem? Outras abordagens sobre a menstruação no ensino de ciências e biologia”. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades* 14, no 22 (9 de julho de 2021). <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/22807>.
- MARIN, Yonier Alexander Orozco. “Percepções de professores de química em formação, sobre assuntos de gênero e sexualidade e as possibilidades de abordá-los no ensino de química”. *Scientia Naturalis* 1, no 2 (14 de mayo de 2019). <https://periodicos.ufac.br/index.php/SciNat/article/view/2499>.
- MORENO, J. & USSA, E. ¿Qué biología enseñar y cómo hacerlo? Hacia una resignificación de la biología escolar. *Tecne episteme y Didaxis TED*, n. 22, p. 126-145, 2007.
- OBERREITER, Julia Anna. *A cut for a lifetime. The case of female genital mutilation among the community of Guinea Bissau in Lisbon*. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Democratização), Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2008.
- PAPALIA, Diane E. *Desenvolvimento humano* [recurso eletrônico]. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- RAMALHO, Carla Chagas; VIEIRA, José Jairo. “O escutar do silêncio – O que está por trás da mudança da BNCC sobre as estruturas de gênero”. *Interfaces Científicas - Educação*, v. 3, pág. 483–496, 6 conjuntos. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p483-496>.

Ramos, M. (2018). Precisamos Falar Sobre O Clitóris Na Escola: Investigando Representações De Estudantes De Graduação Em Biologia Acerca Do Clitóris. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina.

RUFINO, Camila Borges; PIRES, Laurena Moreira; OLIVEIRA, Patrícia Carvalho; SOUZA, Sandra Maria Brunini; SOUZA, Márcia Maria de. “Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino”. Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiânia, v. 4, pág. 983-991, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/19941/15728>.

SANTOS, Thiago Barbosa dos, Franklin Kaic Dutra-Pereira, e Michele Bortolai. ““É PRECISO ESTARMOS ATENTOS E FORTES’’: CONHECENDO GÊNERO E PERFORMATIZANDO SEXUALIDADE NOS ESTUDOS DOS ENCONTROS NACIONAIS NO ENSINO DE QUÍMICA”. Revista Interdisciplinar em Ensino de Ciências e Matemática 2, no 2 (30 de dezembro de 2022): 147–68. <https://doi.org/10.20873/riecim.v2i2.14816>.

SILVA, Denise Quaresma da, e Maria Nestovsky Folberg. “De Freud a Lacan: as idéias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina”. Estudos de Psicanálise, no 31 (outubro de 2008): 50–59.

SNOEK, Jaime. “Ensaio de Ética Sexual”, São Paulo, 1981, p. 147-152.

SOUZA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. “A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos”. Cadernos da FUCAMP, v. 43, 8 mar. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>.

VITIELLO, Nelson. EDITORIAL. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, [S. l.], v. 9, n. 1, 1998. DOI: 10.35919/rbsh.v9i1.703. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/703.